

REVISTA DOM ACADÊMICO

PRODUÇÃO DE ALUNOS E PROFESSORES DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO E PÓS-GRADUAÇÃO
DAS ESCOLAS DE DIREITO, GESTÃO E SAÚDE DO CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIDOMBOSCO

Acadêmicos

ANA CLAUDIA DOS SANTOS MOURÃO
SONIA BEATRIZ DOS SANTOS FRANÇA

Artigo

INCIDÊNCIA DE INCONTINÊNCIA URINÁRIA
EM MULHERES SEM DIAGNÓSTICO DE LESÃO
NEUROLÓGICA (CENTRAL E PERIFERIA)

Curso

BACHARELADO EM FISIOTERAPIA

Curitiba | 2022

INCIDÊNCIA DE INCONTINÊNCIA URINÁRIA EM MULHERES SEM DIAGNÓSTICO DE LESÃO NEUROLÓGICA (CENTRAL E PERIFERIA)

Ana Claudia dos Santos Mourão¹; Sonia Beatriz dos Santos França¹; Isabel Cristina Bini².

Ana Claudia dos Santos Mourão

Endereço: Rua Mandirituba, 2450 bloco A apto 1307, Curitiba/PR. CEP: 81.925-540

Telefone: +55 41999781546

e-mail: anasantos90@icloud.com

Sonia Beatriz dos Santos França

Endereço: Gabriel Ribeiro 760, Curitiba/PR. CEP: 81.925-620

Telefone: + 55 41997087401

e-mail: soniabeatrizfranca@gmail.com

Resumo: A perda urinária, ou as incontinências urinárias causam um impacto importante na vida das pessoas que a apresentam, esses impactos podem ser em nível de higiene, saúde e social, interferindo na qualidade de vida dessas pessoas. Objetivo: Este trabalho teve como objetivo verificar a prevalência da incontinência urinária em mulheres sem diagnóstico de lesão neurológica, (seja central e periférica) ou de doenças pré-existentes, e qual o impacto que a incontinência urinária causa na vida dessas pessoas. Metodologia: Este trabalho consistiu é uma revisão de literatura integrativa para o qual foram realizadas buscas nas bases de dados Pubmed e Lilacs, por meio dos descritores: incontinência urinária, mulheres, assoalho pélvico, fatores de risco e incidência, em artigos publicados entre os anos de 2010 a 2022. Resultados: Após a análise nas bases de dados, atingiu-se o número de 5841 (Cinco mil oitocentos e quarenta e um artigos) encontrados na literatura científica especializada. Desta seleção, 16 (dezesesseis) foram selecionados da base de dados Lilacs e 7 (sete) foram selecionados da base de dados PubMed. Nada obstante, após leitura analítica mais aprofundada de cada artigo, apenas 22 estavam direcionados,

¹ - Graduando em Fisioterapia. Curso de Fisioterapia. Centro Educacional UniDomBosco. Curitiba, Paraná, Brasil.

² - Professora Isabel Cristina Bini, Orientadora do Curso de Fisioterapia. Centro Educacional UniDomBosco. Curitiba, Paraná, Brasil.

especificamente, ao assunto abordado nesse estudo, estando dentro dos critérios de inclusão e da janela de tempo dessa pesquisa. Conclusão: Após a análise dos resultados, conclui-se que, o presente trabalho tem sua importância em identificar entre os estudos revisados da literatura com diferentes tipos de delineamento de pesquisa que, a incontinência urinária é uma afecção prevalente entre as mulheres e que afeta a qualidade de vida das mesmas, sendo importante considerar, observar e prevenir os fatores identificados como fatores de risco, para que se tenham subsídios para desenvolvimento e aplicação, sendo importante considerar uma proposta de tratamento específicos e efetivos com integralidade na atenção em saúde da mulher e com o intuito de melhorar a condição de vida dessas portadoras.

Palavras-chave: Incontinência Urinária, Mulheres, Assoalho Pélvico, Fatores de risco e Incidência.

1 INTRODUÇÃO

incontinência urinária (IU) é a perda involuntária de urina pela uretra, causando uma diminuição da qualidade de vida do indivíduo Alves et. Al, (2021) Segundo a International Continence Society (ICS), a incontinência urinária é uma situação em que ocorre a perda involuntária de urina e que é caracterizada como um problema de ordem de higiene e social. Ainda para ICS a prevalência da incontinência urinária independentemente do tipo (Esforço, Urgência ou Mista) afeta de 14% a 57% das mulheres, entre a faixa etária dos 20 aos 89 anos.

De acordo com Almeida et al, (2012), apesar dessa alta prevalência, a incontinência urinária permanece subdiagnosticada e conseqüentemente subtratada. Ainda dentro desse contexto Oliveira et al, (2011). Afirma que, apenas 25% das mulheres afetadas procuram atendimento, e destas, menos da metade recebe tratamento. A incontinência não tratada está associada à depressão, baixa autoestima e diversos problemas que desencadeiam constrangimentos de ordem social e psicológica para o indivíduo (OLIVEIRA et al, 2011).

Existem três tipos estudados de incontinência urinária, segundo Holzschuh et al, (2019). Sendo eles, a incontinência urinária por esforço (IUE); a incontinência urinária de urgência ou hiperatividade vesical ou ainda conhecida pela literatura como Síndrome da bexiga hiperativa (IUU), e a incontinência urinária mista (IUM)

que está associada a perda involuntária de urina, tanto por urgência quanto

por esforço (MESQUITA et al, 2020).

A IUE, segundo Mesquita et al, (2020) ocorre quando a pressão intravesical supera a pressão da uretra de forma acentuada, promovendo a perda de urina. Sendo esse tipo de incontinência urinária é a de maior prevalência durante o processo de envelhecimento.

2. Objetivo:

Investigar por meio de uma revisão integrativa de literatura a relação entre a incontinência urinária em mulheres sem doenças pré-existentes e quais os fatores de risco colabora para essa situação.

Desta maneira, por meio de revisão integrativa foram consultados artigos concluídos e publicados nos meios científicos que, já abrangeram uma gama de estudos e experimentos, sendo assim de grande importância para pesquisa (GIL, AC. 2002).

3. Método

Esse trabalho tratou-se de uma revisão bibliográfica do tipo integrativa, este tipo de estudo segundo Mendes et al, (2008) pode ser definido como um método que tem como finalidade fornecer informações mais abrangentes sobre um determinado assunto ou problema estabelecendo se assim, um arcabouço de conhecimento. Os mesmos autores ainda afirmam que por meio de uma revisão bibliográfica o pesquisador pode realizar pesquisas com diversas finalidades a qual poderá ser direcionada tanto para definição de conceitos quanto para revisão de teorias e análises metodológicos dos estudos incluídos em um tema específico. (ERCOLE,et al, 2014).

O roteiro metodológico deste trabalho efetivou-se pelas etapas a seguir; a) identificação do tema e determinação da hipótese da pesquisa. b) definição de critérios de inclusão e exclusão; c) definição dos aspectos a serem extraídos dos estudos selecionados; d) avaliação dos estudos selecionados na etapa anterior; e) interpretação dos resultados; f) apresentação da revisão integrativa. (SANTOS; PONTES; OLIVEIRA, 2020).

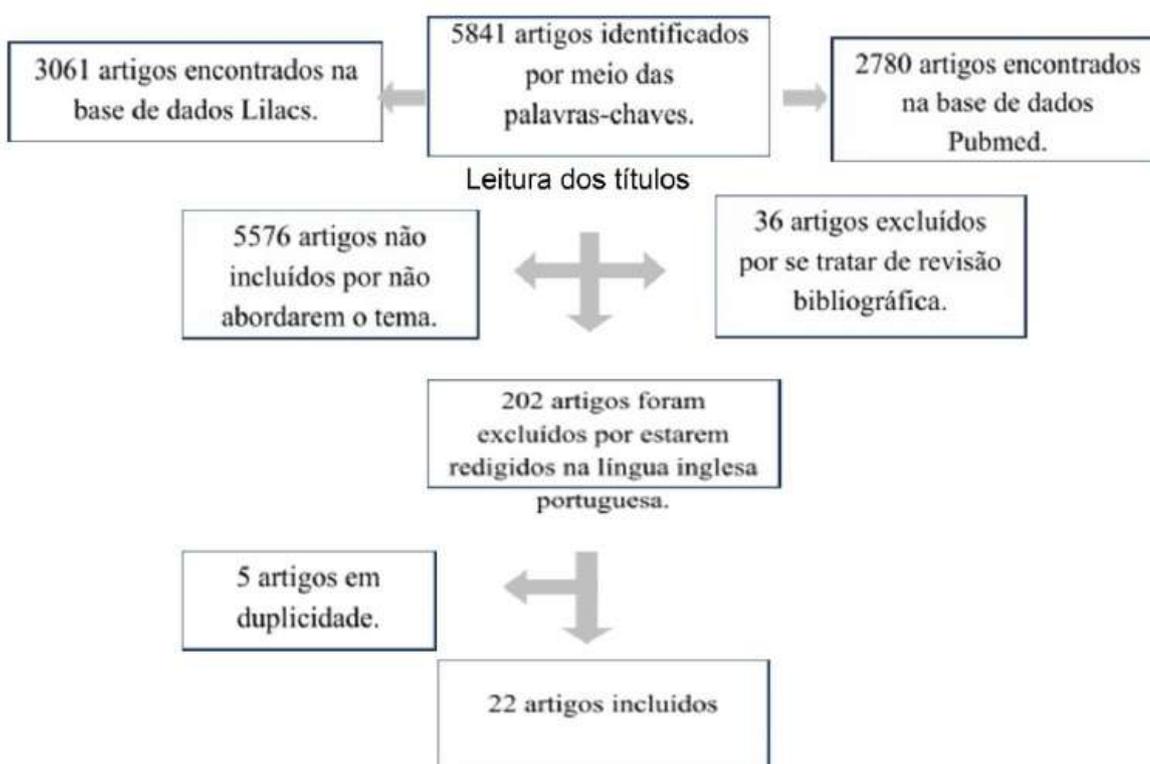
O primeiro passo para esse trabalho foi determinar os termos, palavras-chaves relacionados com a área da pesquisa no idioma de Português, sendo subsidiadas

pelos descritores em ciências da saúde DECS. Para esse trabalho utilizou-se os descritores Incontinência Urinária, Mulheres, Assoalho Pélvico, Fatores de Risco e Incidência.

Foram definidos como critérios de inclusão os estudos que estejam relacionados com o tema proposto no idioma de língua portuguesa, publicados nos últimos 12 anos que apresentassem sobre o tema incontinência urinárias e seus fatores de risco.

As pesquisas foram realizadas nas bases de dados PubMed e LILACS com data de publicação de 2010 a 2022, foram selecionados 5841 artigos (2780 encontrados na base de dados Pubmed e 3061 Lilacs) e após aplicado todos os critérios de inclusão, 202 foram excluídos por se tratarem de outro idioma, 5576 excluídos pois não falavam diretamente da incontinência urinária, 36 foram excluídos porque se tratavam de outras revisões bibliográficas, e 5 artigos estavam em duplicidade, totalizando em 22 artigos restantes.

Os critérios utilizados para a busca foram artigos primários e originais; títulos que estivessem de acordo com o objetivo do estudo, ou seja, mulheres incontinentes que não apresentam nenhum diagnóstico de lesões neurológica, central ou periférica, artigos que não faziam relação ao tema, artigos publicados anteriormente ao ano de 2010; artigos em outros idiomas; que não possuíam relação com as palavras chaves. No entanto apenas 22 foram selecionados, os quais estavam dentro dos critérios de inclusão e janela de tempo proposta deste trabalho.



Com análise das bases de dados eletrônica, com o buscador Lilacs e Pubmed, atingiu-se o número de 22 (vinte e dois) artigos encontrados na literatura.

Nada obstante, após a sistematização dos critérios de exclusão, apenas 22 estavam direcionados, especificamente, ao assunto abordado nesta revisão, estando dentro dos critérios de inclusão e da janela de tempo desta pesquisa. Os documentos encontrados estão descritos no quadro abaixo:

(Quadro 1): estudos selecionados para avaliação.

N	AUTORES	BANCO DE DADOS	REVISTA	ANO	TÍTULO	TIPO	METODOLOGIA E RESULTADO	CONCLUSÃO
1	Mesquita C.V. et. al.	Lilacs	Revista Pesqui. Fisioter. Vol. 10, Nov,2020.	2020	A prevalência da incontinência urinária em mulheres praticantes de exercícios físicos de alto impacto.	Estudo Transversal/ estudo de Caso.	O estudo de caso em questão, foi realizado com um grupo de 30 mulheres, divididas em dois grupos: Grupo 1, mulheres praticantes de exercícios físicos de alto impacto e Grupo 2, mulheres sedentárias. Foi utilizado o Pad Teste o questionário Internacional Consultation on Incontinence Questionnaire – Short Form (ICIQ-SF) para avaliação. Em ambos os grupos apresentaram IU, mas o grupo de mulheres praticantes de atividades físicas de alto impacto esse índice foi bem maior.	Com base nos métodos utilizados para esta pesquisa, concluíram que, a prática de exercícios físicos de alto impacto interfere de forma considerável na qualidade de vida dessas mulheres, podendo ocasionar danos futuros em suas rotinas diárias. Porém, vale ressaltar que neste estudo ambos os grupos apresentaram IU, indicando que outros fatores estão relacionados a perda de urina.

2	Virtuoso, Janeisa <i>et al</i>	Lilacs/Pubmed	Rev Bras. Ginecol. Obstet. 2015 Fev; 37(2): 82-6	2014	Fatores de risco para incontinência urinária em mulheres idosas praticantes de exercícios físicos	Estudo Transversal Analítico	Analisar os fatores de risco e a incontinência urinária, o estudo teve a participação de 152 idosas que foram avaliadas através de uma ficha, onde eram analisados o IMC, Circunferência da cintura, pressão arterial, diabetes, nível de atividade física foi mensurado por meio do Domínio 4 do Questionário Internacional de Atividade Física (IPAQ)	Constataram que, os principais fatores que contribuem para a IU são o uso de diuréticos e histórico familiar, parto e sobrepeso não tiveram evidência.
3	Alves, R.A. <i>et. Al.</i>	Lilacs	Rev. Pesqui. Fisioter. Vol. 11, Mai, 2021.	2021	Perfil clínico de mulheres com incontinência urinária de esforço em centro de referência.	Estudo transverso	O estudo foi realizado por mulheres que apresentavam diagnóstico clínico de IU por esforço, com idade entre 18 e 65 anos, acompanhada pelo CAAP entre 2014 a 2018, onde foi realizado um questionário para avaliação de alguns fatores, onde foram instruídas a realizar um diário miccional durante três dias, após a realização, foi orientado que elas realizassem o Pad Teste de uma hora para quantificar a grama da perda	A IUE impacta nos fatores mais frequentes, idade, menopausa, obesidade, hipertensão e a ingestão de café interferiu de forma leve nesse estudo.

							de urina, onde inserem o absorvente , faz a ingestão de 500 ml de água com tempo máximo de 15 minutos e se mantém em repouso por mais 15 minutos. No restante do tempo são orientadas a simular atividades diárias, essa perda de urina foi classificada em ausência < 1, leve 1-10, moderada 10-50e grave >50	
4	Holzschuh. T. J.et.al.	Lilacs	Rev. Pesqui. Fisioter. Vol. 9, Nov, 2019.	2019	Eficácia dos cones vaginais no fortalecimento do assoalho pélvico na incontinência urinária feminina pós-menopausa: estudo de casos	Estudo de caso	<p>Por meio do estudo de caso, foi realizado com a participação de 2 mulheres pós menopausa, com idades de 66 e 71 anos, a avaliação funcional do assoalho pélvico das mulheres e o perineômetro. Logo em seguida, diante dos resultados obtidos, encontrado como IUE iniciou o tratamento com a utilização de cones vaginais e cinesioterapia, após o tratamento foi notário a condição positiva do aumento de força do MAP.</p>	O plano de tratamento em mulheres pós-menopausa com IUE, com a utilização de cones vaginais, resulta em resultado benéfico no fortalecimento do AP e promovendo uma melhor QV.

5	Padilha, J. F. et. al.	Lilacs	Arq. Cienc. Saúde UNIPAR. Vol 22, n. 1, pg. 43-48, jan/ Abr, 2018.	2018	Investigação da qualidade de vida de mulheres com incontinência urinária.	Estudo transversal	Das 85 mulheres selecionadas para participarem do estudo, apenas 44 atenderam os critérios de inclusão. Onde foi realizado um questionário para avaliar o impacto da IU na QV dessas mulheres, classificando através de pontuação, graduadas como: nenhum impacto, leve, moderado, grave ou muito grave. Nesta pesquisa foi possível observar que grandes partes das mulheres estão sobrepeso, sendo um fator de risco relevante para o desenvolvimento da IU.	A maioria apresentou resultados graves e muito graves. Porém foi sugerido que realizasse novos estudos para um resultado mais satisfatório, apontando de fato o impacto que a IU causa na vida das mulheres portadoras.
6	Higa, R. et. al.	Lilacs	Texto Contexto Enferm, Florianópolis, 2010 Out-Dez; 19(4): 627-35	2010	Vivências de mulheres brasileiras com incontinência urinária.	Método Clínico-Qualitativo	A pesquisa foi realizada através de um método clínico utilizando como base obter informações pessoais dos participantes buscando atribuir o significado da IU de forma intencional sem que tenham realizado algum tipo de tratamento por meio de busca ativa, por local de residência, profissão, se enquadrando nos critérios de inclusão. A partir desta pesquisa foi possível observar a negação que algumas mulheres enfrentam em falar da IU.	Foi possível observar como o acompanhamento psicológico, o acolhimento e a inserção e intervenção psicológica e sociais trará um resultado benéfico e satisfatório a essas mulheres, assim como um tratamento de forma precoce melhorando assim a qualidade de vida.

8	Oliveira, E. et. al.	PubMed	Rev Assoc Med Bras 2010; 56(6): 688-90	2010	Avaliação dos fatores relacionados à ocorrência da incontinência urinária feminina	Estudo caso-c ontrole	Realizado um estudo com 253 mulheres para identificar mulheres incontinentes onde foi identificado através de um questionário sobre fatores de risco que 102 eram continent es e 151 incontinentes, sendo em sua maioria IUE.	O estudo identificou grande número de mulheres incontinentes através de um questionário que pode demonstrar que os fatores de risco mais elevados para IU foram: idade, parto normal, parto fórcepe e peso do recém-nascido e
9	Silva, A.G. Et. al.	Lilacs	Artigo Cogitare enferm. [Internet]. 2020. Disponível em: http://dx.doi.org/10.5380/ce.v25i0.68514 .	2020	Incontinência urinária em mulheres: Fatores de risco segundo tipo e gravidade.	Estudo descritivo, transversal, de abordagem quantitativa.	Foi realizada uma amostra com 30 mulheres, fazendo a utilização de um questionário dividido em quatro etapas. 1ª Etapa: consistia em perguntas pessoais. 2ª Etapa: Hábitos de vida e IMC. 3ª Etapa: Classificar os tipos de IU, através de instrumentos. 4ª Etapa: se constituiu do instrumento Incontinence Severity Index (ISI), validado para o Brasil, com o propósito de avaliar a gravidade da incontinência urinária, com duas questões a respeito da frequência e quantidade. Apresentou variações significativas quando relacionada à idade, IMC, cor de pele e outros fatores analisados	Com os resultados apresentados foi possível identificar a maior frequência sendo a IUE e os fatores de riscos identificados foi possível notar a importância da intervenção fisioterapêutica quanto a prevenção e o fortalecimento do assoalho pélvico.

10	Almeida; Machado	Lilacs	Fisioter Mov. 2012 jan/mar;25(1):55-65	2012	A prevalência de incontinência urinária em mulheres praticantes de jump	Estudo transversal quantitativo descritivo	Amostra com 32 mulheres que responderam ao questionário sobre antecedentes obstétricos e prática de atividade física. As participantes foram abordadas no término da aula de Jump e foram esclarecidas sobre o objetivo da pesquisa. Houve perda urinária em 37,5% das mulheres entrevistadas sendo elas na média de idade de 31,58 anos.	Os resultados da pesquisa identificaram que algumas mulheres incontinentes perdiam urina durante o exercício e em outras ocasiões também. Algumas mulheres tinham escape de urina durante a aula de Jump. Foi destacado também que 50% das mulheres incontinentes já tinham filhos.
11	Saboia. M. D. et al	Lilacs/ PubMed	Rev Esc Enferm USP .2017;51:e03266	2017	Impacto dos tipos de incontinência urinária na qualidade de vida de mulheres	Estudo Transversal	Foi realizado um estudo com 556 mulheres de 22 a 89 anos que apresentavam incontinência, que responderam um questionário do impacto da QV, a pesquisa também destacou maior incidência de IUM em 62,6% IUE 31,1% e IUU 6,3% sendo IUE prevalentes em mulheres na faixa de 49 anos e de IUU acima dos 65 anos.	A maior incidência de mulheres incontinentes foi observada com IUM as quais sofrem piores índices no impacto causado na QV, em seguida está a IUE e por fim IUU.

12	Leal, L.O. et. al.	Lilacs	Fisioter. Bras ; 21(2): 197-203, Mai 16, 2020.	2020	Prevalência de incontinência urinária e perfil miccional de mulheres praticantes de Crossfit	Estudo transversal, exploratório, com abordagem quantitativa.	<p>O estudo foi realizado por 40 mulheres praticantes de Crossfit em diferentes academias, os critérios de inclusão foram ser maior de 18 anos sem sinais ou sintomas de menopausa.</p> <p>Os critérios de exclusão foram gestantes, diabéticas, antecedente de cirurgia uroginecológica prévia e presença de infecção urinária no momento da avaliação.</p>	<p>Após a análise, conclui-se que, as praticantes de Crossfit relataram perda urinária e urge-incontinência durante a prática.</p> <p>E a atenuação deste número se dá, ao fato de se tratar de um grupo de mulheres jovens, maioria nulíparas e iniciado a modalidade recentemente.</p>
							<p>Foi aplicado um questionário investigativo para avaliar se havia presença de IU ou sintomas relacionados a micção.</p> <p>Após a análise, a maioria (89,5%) não apresentou vazamento, (10,5%) relataram perda urinária antes de chegar ao banheiro, (5,3%) sensação de que a bexiga não esvaziou e (5,3%) demora ao iniciar a micção.</p>	

							Durante a prática do Crossfit (7,9%) apresentaram incontinência atlética durante o exercício.	
13	Menezes. G. M. D. et al.	Pubmed	Rev Gaúcha Enferm.2012 mar;33(1):100-8.	2012	Queixa de perda Urinária: um problema silente pelas mulheres	Estudo Tranversal	O estudo foi realizado por 168 mulheres cadastradas no Sistema de Informação da Atenção Básica relativo à Hipertensão e Diabetes (HIPERDIA), o objetivo deste estudo foi identificar a relação da IU com essas patologias e outros fatores de risco como; idade, trauma do soalho pélvico, fatores hereditários, raça, menopausa, obesidade, doenças crônicas, uso de alguns simpatico-miméticos e parasimpaticolíticos, constipação, tabagismo, consumo de cafeína e exercícios intensos na região abdominal.	Após a aplicação dos questionários, a hipertensão e a Diabetes relataram alta prevalência no programa formado por essas mulheres, A partir dos dados coletados não houve associação da IU relacionado com os demais fatores de risco. Sendo a escolaridade a única variável estatisticamente significativa para o aparecimento de queixas urinárias relacionadas à IU.

14	Faria A. C. et al 2015	PubMed/ Lilacs	Rev Bras Ginecol Obstet. 2015; 37(8):374-80	2015	Impacto do tipo de incontinência urinária sobre a qualidade de vida de usuárias do Sistema Único de Saúde no Sudeste do Brasil	Estudo Transversal	Foi realizado um estudo com 181 mulheres com queixa de IU, que foram separadas em 3 grupos, o grupo 1 se referia a mulheres com IUE, o grupo 2 IUU e o grupo 3 IUM. Essas mulheres responderam a um questionário de QV onde procuravam identificar os fatores que mais impactavam na população atingida pela IU, dentre eles: limitações de atividade diárias, limitações físicas, limitações sociais etc.	Foi evidenciado neste estudo que a maior incidência de impactos negativos na QV das mulheres estava relacionada a IUM, cerca de 80% das mulheres apresentavam sobrepeso ou eram obesas, 71,8% tinham alguma comorbidade como hipertensão e diabetes e 53,0 eram idosas, acima dos 60 anos. Portanto as mulheres com IUM relataram piores escores no impacto sobre a QV pois a imprevisibilidade da IU em domicílio ou em vários ambientes que frequentam é constrangedora e justificam os resultados.
15	Pivetta H. M. F. et. al 2009	Lilacs	Revista Fisioter. Bras;11(1):9-13, jan.-fev. 2010	2009	A incontinência urinária no universo feminino: incidência e qualidade de vida	Abordagem descritiva	O estudo foi realizado junto ao campo de atuação dos cursos da área de saúde da UNIFRA os critérios de inclusão foram mulheres, acima de 12 anos com queixa de perda urinária, foi aplicado questionário. O King's Health Questionnaire (KHQ), dentre as mulheres entrevistadas eram nulíparas, 10,35% eram primíparas, 73,56% eram múltíparas e 1,15% das mulheres eram gestantes. No total foram investigadas 790 mulheres, onde 174 apresentaram perda urinária sendo caracterizada pela de esforço (22,02%).	Os objetivos desta pesquisa evidenciou-se que a IU acomete mulheres de diferentes faixas etárias e a sua incidência vem aumentando significativamente. Na região investigada esses índices mostraram-se relevantes, uma vez que muitas mulheres queixaram-se de perda involuntária de urina.

16	Delarmelindo R. C. A. Et. al, 2013	Pubmed	Rev Esc Enferm USP 2013; 47(2):296-303 www.ee.usp.br/reeusp/	2013	Estratégias de enfrentamento da incontinência urinária por mulheres	Pesquisa qualitativa	A pesquisa teve início após a aprovação de Comitê de Ética em Pesquisa (OF 048/06) e obtenção de consentimento livre e esclarecido para participação no estudo de mulheres adultas e idosas com diagnóstico médico de IU, cadastradas em uma Clínica de Fisioterapia instalada no campus da Universidade do Sagrado Coração.	Após tentativas frustradas com o tratamento conservador, não esbarrou somente na falta de condição clínica, por fim, seriam necessárias políticas públicas voltadas à saúde da mulher, com intervenções mais incisivas acerca da prevenção e da reabilitação da IU, cabendo aos órgãos formadores de profissionais da saúde constituir competências para que eles possam contribuir com a resolubilidade de uma doença de grande impacto, principalmente na vida de mulheres.
							Foi escolhido mulheres com faixa etária acima de 40 anos e que já vinham sendo atendidas na clínica de Fisioterapia. Diante do estudo realizado foi perceptível notar a tristeza ao se verem dependente de estratégias paliativas, por meio de tratamento conservador e sem esperança de reabilitação por meio de tratamento cirúrgico, por não ter condição clínica para tal ou por descrédito do profissional médico sobre a efetividade desse tratamento.	

17	SILVA, Juliana et al, 2017	Pubmed	Rev Esc Enferm USP · 2017;51:e03209	2017	Fatores associados à incontinência urinária em mulheres submetidas ao exame urodinâmico*	pesquisa quantitativa, do tipo transversal.	<p>A pesquisa foi realizada entre mulheres com IU atendidas em um Centro de Diagnóstico e Tratamento Urológico, no município de São José do Rio Preto, São Paulo. A amostra foi constituída por 150 mulheres com IU em avaliação urodinâmica, selecionadas por amostra não probabilística por conveniência, incluindo-se as primeiras 30 mulheres que realizaram o EUD, a cada mês, entre os meses de maio e setembro de 2013.</p> <p>Adotaram-se como critério de inclusão ser mulher com idade a partir de 18 anos, fora dos períodos gestacional e puerperal, sem déficit cognitivo e que aceitaram participar do estudo, depois da orientação sobre a pesquisa e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).</p> <p>Excluíram-se aquelas menores de 18 anos e incapazes de ler e responder o questionário.</p>	<p>A partir da pesquisa realizada e o perfil das mulheres participantes deste estudo sugere que a prevenção e o controle da IU sejam implementados por meio de orientações sobre o impacto das modificações no estilo de vida, melhor controle dos agravos de saúde e práticas de fortalecimento dos músculos do assoalho pélvico.</p>
----	----------------------------	--------	-------------------------------------	------	--	---	---	--

18	Pedro A. F. et al. 2011	Lilacs	Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog. (Ed. port.)	2011	Qualidade de vida de mulheres com incontinência urinária	pesquisa descritiva e exploratória	<p>A pesquisa foi realizada entre Julho e Dezembro de 2008 em mulheres que apresentavam queixa de IU, atendidas no ambulatório de urologia de um hospital de ensino de São José do Rio Preto, SP. 43 mulheres com IU consentiram em participar do estudo. Entre os dados sociodemográficos obtidos nesta pesquisa constatou-se que a idade média das mulheres era de 50,7 anos, prevalecendo a faixa etária de 60 anos ou mais (32,6%), 25 (58,1%) eram casadas, 39 (90,7%) tinham 1 ou mais filhos, 21 (48,2%) possuíam trabalho remunerado, 4 (9,30%) eram aposentadas, 1 (2,3%) estava desempregada e as restantes eram "do lar" e 29 (67,4%) tinham escolaridade de 1o grau incompleto. Em outras pesquisas, com avaliação de dados sociodemográficos de mulheres com IU, verificou-se</p>	<p>Após esta pesquisa foi possível identificar que a IU vem afetando em muitos aspectos a qualidade de vida dessas mulheres, tendo alto grau de queixa e repercussão, acarretando prejuízos na interação social, evidenciando a necessidade de intervenção profissional adequada na unidade.</p>
----	-------------------------	--------	---	------	--	------------------------------------	--	--

							idade média variada, como de 49,2 anos (2), de 43 anos (11), de 67 anos (17) e entre 45 e 60 anos (18). No Brasil, a prevalência de queixa por IU é após os 41 anos e entre 30 e 50% das mulheres não relatam a IU durante uma consulta médica.	
19	Oliveira E. et. al, 2010.	Pubmed	Rev Bras Ginecol Obstet. 2010; 32(9):454-8	2010	Influência do índice de massa corporal na incontinência urinária feminina.	clínico transverasal	<p>Foi selecionado 65 mulheres com diagnóstico de IU atendidas entre Janeiro e Julho de 2008 no Hospital Estadual Mário Covas, instituição vinculada à Faculdade de Medicina do ABC (FMABC). Como critérios de inclusão foram estabelecidos: diagnóstico urodinâmico de IU e a capacidade de ler, compreender e responder a um questionário. As pacientes foram divididas em três grupos: Grupo I (pacientes com IMC entre 18 e 25 kg/m²); Grupo II (pacientes com IMC entre 25 e 30 kg/m²) e Grupo III (pacientes com IMC >30 kg/m²).</p>	<p>O estudo buscou estabelecer a relação entre o índice de IMC e a IU. Entretanto, por meio dos parâmetros utilizados, foi incapaz de demonstrar qualquer relação.</p> <p>Mesmo havendo estudos, em pacientes com sobrepeso e obesidade, a severidade da incontinência seja maior. Os efeitos de uma dieta de baixa caloria e de exercícios físicos foram avaliados em 64 mulheres incontinentes, e observou-se que a diminuição de pelo menos 5% do IMC associou-se com a redução nos valores registrados no pad test (diferença média de 19 g; p<0,001) e melhora nas medidas de qualidade de vida.</p>

							<p>Todas as pacientes também foram submetidas ao estudo urodinâmico. O valor da pressão de perda (VLPP) e a presença de contrações não inibidas do músculo detrusor (CNI) foram registrados. Adicionalmente, alguns dados da anamnese, como a presença de noctúria, enurese, urgência e urge-incontinência, foram também correlacionados ao IMC.</p>	
--	--	--	--	--	--	--	--	--

20	Bortoletto, J. C et. al, 2021.	Lilacs	Artigo Original Femina 2021;49(5): 300-8	2021	Fatores associados à incontinência urinária em mulheres pós-parto	Estudo de corte transversal	<p>O presente estudo foi realizado com 120 mulheres que tiveram parto no Hospital da Mulher "Prof. Dr. José Aristodemo Pinotti" – Centro de Atenção Integral à Saúde da Mulher (CAISM)/Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Os critérios de inclusão foram mulheres que tiveram parto no serviço há 12 a 18 meses prévios à pesquisa. Foram excluídas mulheres que estivessem grávidas no momento da pesquisa, com antecedente referido de infecção urinária de repetição, problemas neurológicos ou musculares e com antecedentes de cirurgias</p>	<p>Metade das mulheres apresentou IU no pós-parto, porém os sintomas foram leves e não houve diferença na gravidade desses sintomas após parto vaginal, cesárea eletiva ou cesárea após trabalho de parto. A presença de perda urinária durante a gestação foi fator de risco para IU e IUE; a idade (>30 anos) esteve associada à IU e o parto vaginal (≥ 1), à IUE. A IU e a IUE são muito prevalentes após 12-18 meses do parto, porém sem diferenças com relação ao parto vaginal ou cesárea prévios. Perda urinária durante a gestação e idade maior que 30 anos são fatores de risco para IU e IUE no pós-parto. A gravidade da perda urinária está associada</p>
----	--------------------------------	--------	--	------	---	-----------------------------	---	--

						<p>perineais prévias e gestação gemelar. Foi realizado contato com 429 mulheres, somente 120 aceitaram participar do estudo, a média de idade foi de 28,1 ($\pm 6,9$) anos; 51,7% tinham idade entre 20 e 29 anos.</p>	<p>também a perda durante a gestação e maior índice de massa corporal.</p>
						<p>A prevalência de IU foi de 52,5% e a de incontinência urinária de esforço (IUE), de 40%, sem diferença com relação ao tipo de parto ($p = 0,945$ e $0,770$) Ao avaliarmos a gravidade da IU, a maioria apresentava IU leve (80%); 52,4% relataram IU na frequência de uma vez por semana. Não houve diferença nas médias dos questionários de IU (ICIQ-SF) e sintomas vaginais e sexuais e qualidade de vida (ICIQ-VS) entre os tipos de parto.</p>	

21	Moccellin A. S. et al, 2014	Lilacs	Rev. Bras. Saúde Matern. Infant., Recife, 14 (2): 147-154 abr. /jun., 2014	2014	Incontinência urinária na gestação: implicações na qualidade de vida	Estudo observacional transversal	O presente estudo foi realizado no período Julho/2012 a Outubro/2013. Para um poder do teste de 0,90 e erro alfa de 5%, sugeriu-se uma amostra de 15 gestantes para cada grupo (gestantes com e sem sintomas miccionais). Desenvolvido em duas Unidades de Saúde da Família do município de Aracaju/SE. Foi realizado com gestante com idade entre 18 e 40 anos, índice de massa corporal (IMC) pré-gestacional considerado normal, 8 idades gestacional de até 28 semanas, gestação de risco habitual e feto único e que estivesse em acompanhamento pré-natal. Os critérios de exclusão do estudo foram: déficit cognitivo que impedisse o entendimento do projeto, uso de drogas ilícitas, tabagismo e etilismo. Os pesquisadores tiveram acesso a 40 gestantes que respeitavam os critérios de inclusão e exclusão. Optaram por avaliar todas as	Este estudo permitiu concluir que os sintomas miccionais provocaram um impacto negativo na QV das gestantes, com piora da percepção geral de saúde e impacto da incontinência ao final da gestação. Outros fatores como o suporte social e emoções também podem prejudicar a QV durante a gestação, independente da queixa urinária.
----	-----------------------------	--------	--	------	--	----------------------------------	--	--

							gestantes que foram distribuídas em 15 com sintomas miccionais e 25 sem sintomas miccionais.	
22	Leroy L. S. et. al, 2016	Pubmed	Rev Esc Enferm USP - 2016;50(2): 200-207	2016	Fatores de risco para incontinência urinária no puerpério	estudo caso-c ontrole	Foram avaliadas mulheres com até 90 dias pós-parto que compareceram ao Ambulatório de Obstetrícia de um hospital público terciário e de ensino, do interior do estado de São Paulo, Brasil, para consulta de revisão pós-parto. As mulheres foram divididas em dois grupos: puérperas incontinentes (PI) e puérperas continentas (PC). Para classificá-las como continentas ou incontinentes foram utilizadas as questões 3 e	A maior parte das mulheres relatou perda urinária em pequena quantidade, diversas vezes ao dia ao tossir ou espirrar. Verificou-se também que a IU se iniciou na gestação e permaneceu no puerpério. Presença de IU na gestação, multiparidade, idade gestacional no parto maior ou igual a 37 semanas e constipação foram fatores de risco para IU no puerpério. No grupo de puérperas estudado, a IU de esforço foi a mais frequente.
							4 do International Consultation on Incontinence Questionnaire – Short Form (ICIQ-SF), validado em português (18), estas questões avaliam a frequência e a quantidade de perda urinária, respectivamente, permitindo identificar se a pessoa apresenta ou não IU. No total, 441 mulheres foram entrevistadas. Destas, 97 foram excluídas por não atenderem aos critérios de seleção do estudo. Assim,	

						<p>4 do International Consultation on Incontinence Questionnaire – Short Form (ICIQ-SF), validado em português (18), estas questões avaliam a frequência e a quantidade de perda urinária, respectivamente, permitindo identificar se a pessoa apresenta ou não IU. No total, 441 mulheres foram entrevistadas. Destas, 97 foram excluídas por não atenderem aos critérios de seleção do estudo. Assim,</p>
						<p>344 mulheres foram incluídas neste estudo (77 casos e 267 controles). O total de participantes apresentou média de idade de 25,9±7,7 anos (variando de 13 a 45 anos) e tempo médio de puerpério de 52,3±12,0 dias (variando de 12 a 87 dias). A maioria era de cor não branca (65,7%), ou seja, eram pardas ou negras</p>
<p>Legenda: IU: Incontinência Urinária; IUE: Incontinência Urinária de Esforço; IUM: Incontinência urinária Mista; DEI: Deficiência Esfincteriana Intrínseca; HU: Hiper mobilidade Uretral; ID: hiperatividade detrusora ou Instabilidade do Músculo Detrusor; MAP: Musculatura do Assoalho Pélvico; QV: Qualidade de vida; CAAP: Centro de Atenção ao Assoalho Pélvico;</p>						

1. Discussão:

Analisar e estudar os diversos fatores predisponentes que envolvem a incontinência urinária é de grande importância, pois à medida que pesquisamos podemos identificar fatores desconhecidos que facilmente são encontrados nessa população mais atingida. Identificamos em relação a idade, as mulheres que mais apresentam incontinência urinária sem ter alteração ou lesão neurológica periférica central possui a faixa etária acima de 65 anos. Oliveira et al (2010), corrobora com o estudo de Almeida e Machado (2012), que relata o aumento de IU em mulheres mais velhas, principalmente quando está associada a exercícios extenuantes e que favorece pressões constantes sobre os músculos do assoalho pélvico. Ainda que a relação de envelhecimento seja definida como alto fator de risco para IU, hoje encontramos na literatura que as mulheres jovens estão sendo vítimas cada vez mais frequentes, Mesquita et al, (2020). Embora existam maior relação de IU vivenciada por mulheres idosas, os autores Silva et al, (2021); Carvalho et Al, (2020) e Higa, et al, (2010) destacam a grande ocorrência de IU na população com idade inferior a 48 anos. Este aumento também está relacionado a um dos principais fatores de risco, que compete à pressão intra-abdominal, como espirros, tosses e exercícios de alto impacto pois favorecem o desequilíbrio entre a pressão intravesical e intra uretral, resultando em um stress sobre o assoalho pélvico, o que condiciona o enfraquecimento do períneo (MESQUITA et al, 2020).

Em análise entre os tipos de IU, em pesquisas realizadas pelos autores (Cavenaghi et al, 2020; Carvalho et al, 2020; Silva et al, 2021 e Menezes et al, 2012) apontam o predomínio da IUE como a mais frequente entre as mulheres, quando comparada aos outros tipos de IU como a IUU e IUM. Em discordância, Saboia et al, (2017) destaca uma incidência maior de mulheres com IUM sendo 62,6 % em sua pesquisa realizada com 556 mulheres, em seguida a IUE 31,1% e por fim IUU 6,3%. Um outro estudo de Faria et al, (2015) também revela que em um grupo de 181 mulheres a queixa mais prevalente se referia na IUM cerca de 60,0%.

Almeida et al, (2012) em seu trabalho demonstrou que a IU é uma disfunção multifatorial, que apresentam como fatores de risco, a idade avançada, menopausa, parto vaginal, constipação intestinal, raça branca, obesidade, cirurgias ginecológicas, Hipertensão Arterial, Diabetes Mellitus, Doenças Vasculares, Enurese na infância, e foi relacionado a prática de esportes de impacto como corrida, Jump e Cross Fit.

Em relação à prevalência de IU, Faria et al, (2015) diz que, as mais comuns são a hipertensão e diabetes as mais comumente encontradas na literatura. Segundo seu estudo, cerca de 71,8% do número total de mulheres participantes da pesquisa, apresentavam uma dessas comorbidades. Em concordância com o estudo apresen-

tado por Menezes et al, (2012) afirma que, 69,6% das mulheres apontaram os escores elevados dessas patologias (hipertensão e diabetes). Esse estudo demonstrou uma alta prevalência dessas comorbidades na amostra realizada, portanto, para região considera-se que esse seja um problema de Saúde Pública.

O mesmo estudo considerou ainda a obesidade como sendo um dos fatores de risco para IU, porém neste trabalho não foi encontrada relação significativa com a prevalência de IU, divergindo com Faria et al, (2015) que afirma que 80% das mulheres incontinentes estavam acima do peso ou eram obesas pelo referencial IMC (Índice de Massa Corporal).

Em relação a menopausa ser considerada um fator de risco Holzschuh; Sudbrack, (2019) evidenciaram em seu estudo que a mesma é um fator de risco para os sintomas de IU, pois nesse período ocorrem alterações hormonais como diminuição dos níveis de estrogênio, que acarreta a diminuição do trofismo e da vascularização dos músculos do assoalho pélvico, tornando as fibras menos elásticas e vulneráveis a possíveis estresses gerado na região. Este resultado foi corroborado pelo estudo de Alves et al, (2021) que em sua amostra identificou que 52,4% do número total de mulheres participantes com IU estavam na menopausa, apontando a IUE como o tipo mais frequente.

Em relação ao número de gestações e via de parto, Virtuoso et al, (2014) correlaciona mulheres com maior número de partos normais como as que apresentam maior incidência de IU. Já Bortoletto et al, (2021) cita que a via de parto, seja ela, vaginal, cesáreo eletivo ou com trabalho de parto não faz diferença na prevalência de IU nas mulheres atingidas, contudo segundo o autor as mulheres que realizam parto via vaginal apresentam sintomas mais significativos quando comparadas às mulheres que fizeram parto cesáreo. Em relação a etnia Oliveira et al (2010) descreve que a raça branca é a mais suscetível a desenvolver IU do que as mulheres afrodescendentes.

Outro fator relacionado com IU encontra-se a constipação intestinal por estar associado a pressão e sobrecarga no períneo, principalmente após dias sem conseguir evacuar (LEROY et al, 2016) o mesmo autor salienta que o reto e o aparelho urinário estão intimamente próximos, a disfunção de um pode levar o outro a disfunção.

Para essa pesquisa, relacionamos os principais fatores de risco de IU abordados por diversos estudos, cada um trouxe informações importantes que puderam contribuir para esclarecer melhor o assunto e conhecimento para a população.

2. Conclusão

A realização deste trabalho ressaltou que a Incontinência Urinária Feminina afeta a qualidade de vida das mulheres acometidas por este problema. Desta forma evidenciando a importância de conhecermos os fatores de riscos pré existentes, bem como outros hábitos diários que possam contribuir para o desenvolvimento da IU. Porém torna-se importante que outras pesquisas sejam realizadas e os profissionais da saúde possam ter um olhar mais abrangente em relação às perdas urinárias, para que espaços à saúde da mulher não sejam vistos somente como um campo isolado de tratamento, mas como uma medida de prevenção a saúde.

Portanto sugerimos que novos trabalhos sejam realizados em relação a estes fatores predisponentes de acordo com os tipo de IU, pois a proposta de um tratamento específico para cada tipo de IU acarretará em um plano de tratamento mais eficaz, visando diminuir essa incidência.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, P. P.; MACHADO, L. R. G.; Prevalência de incontinência urinária em mulheres praticantes de jump. *Fisioter. Mov. Curitiba*, v. 25, n. 1, p. 55-65. jan/mar, 2012.

ALVES, R. A.; MACHADO, M.; MOURA, T.; Perfil clínico de mulheres com incontinência urinária de esforço em centro de referência. *Rev. Pesqui. Fisioter.*, Salvador, 2021 Maio;11(2):351-360.

BORTOLETTO, J. C.; JULIATO, C. R. T.; BRITO, L. G. O.; ARAUJO, C. C.; Fatores associados à incontinência urinária em mulheres pós-parto. *FEMINA* 2021;49(5):300-8.

DELARMELINDO, R. C. A.; PARADA, C. M. G. L.; RODRIGUES, R. A. P.; BOCCHI, S. C. M.; Estratégias de enfrentamento da incontinência urinária por mulheres. *Rev Esc Enferm USP*. 2013; 47(2):296-303.

FARIA, C. A.; MORAES, J. R.; MONNERAT, B. R. D.; VEREDIANO, K. A.; HAWERROTH, P. A. M. M.; FONSECA, S. C.; Impacto do tipo de incontinência urinária sobre a qualidade de vida de usuárias do Sistema Único de Saúde no Sudeste do Brasil. *Rev Bras Ginecol Obstet*. 2015; 37(8):374-80.

HIGA, R.; RIVORÊDO, C. R. S. F.; CAMPOS, L. K.; LOPES, M. H. M.;

TURATO, E. R. Vivências de mulheres brasileiras com Incontinência Urinária. *Texto Contexto, Enferm, Florianópolis*, 2010 Out-Dez; 19(4) 627-35.

HOLZSCHUH, J.; SUDBRACK, A.; Eficácia dos cones vaginais no fortalecimento do assoalho pélvico na incontinência urinária feminina pós-menopausa: estudo de casos. *Rev. Pesqui. Fisioter., Salvador*, 2019 Novembro;9(4):498-504.

LEAL, L. O.; SANTOS, M. A.; SANTOS, N. M. F.; BRAGA, L. M.; NUNES, K. C. F.; Prevalência de incontinência urinária e perfil miccional de mulheres praticantes de Crossfit. *Fisioterapia Brasil* 2020;21(2):197-203.

LEROY, L. S.; LUCIO, A.; LOPES, M. H. B. M.; Fatores de risco para incontinência urinária no puerpério. *Rev Esc Enferm USP*. 2016;50(2):200-207.

MENDES, K.D.S., SILVEIRA, R.C.C.P., GALVÃO, C. M. Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. *Texto Contexto Enferm, Florianópolis*, Out-Dez; 17(4): 758-64, 2008.

MENEZES, G. M. D.; PINTO, F. J. M.; SILVA, F. A. A.; CASTRO, M. E.; MEDEIROS, C. R. B.; Queixa de perda urinária: um problema silente pelas mulheres. *Rev Gaúcha Enferm., Porto Alegre (RS)* 2012 mar;33(1):100-8.

MESQUITA, V. C.; ARAGÃO, M. I. C.; CORREIA, S. A.; PEREIRA, A. S.; A prevalência da incontinência urinária em mulheres praticantes de exercícios físicos de alto impacto. *Rev. Pesqui. Fisioter., Salvador*, 2020 Novembro;10(4)634 - 641.

MOCCELLIN, A. S.; RETT, M. T. DRIUSSO, P.; Incontinência urinária na gestação: implicações na qualidade de vida. *Rev. Bras. Saúde Matern. Infant., Recife*, 14 (2): 147-154 abr. / jun., 2014.

OLIVEIRA, E. LOZINSKY, A. C.; PALUS, C. C.; RIBEIRO, D. D. M.; SOUZA, A. M. B.; BARBOSA, C, P.; Influência do índice de massa corporal na incontinência urinária feminina. *Rev Bras Ginecol Obstet*. 2010; 32(9):454-8.

OLIVEIRA, E.; ZULIANI, L. M. N.; ISHICAVA, J.; SILVA, S.V.; ALBUQUERQUE, S. S. R.; SOUZA, A. M. B.; BARBOSA, C. P.; Avaliação dos fatores relacionados à ocorrência da incontinência urinária feminina. *Rev. Assoc. Med. Bras* 2010;56(6): 688-90.

PADILHA, J. F.; SILVA, A. C.; MAZO, G. Z.; MARQUES, C. M. G. Investigação da qualidade de vida de mulheres com incontinência urinária. *Arq. Cienc. Saúde UNIPAR, Umuarama*, v. 22, n. 1, p. 43-48, jan./abr. 2018.

PEDRO, A. F.; RIBEIRO, J.; SOLER, Z. A. S. G.; BUGDAN, A. P.; Qua-

lidade de vida de mulheres com incontinência urinária. SMAD, Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog. (Ed. port.) maio-ago. 2011;7(2):63-70

PIVETTA, H. M. F.; BRAZ, M. M.; BONHEN, A.; RIGODANZO, H.; ZIEGLER, N.; ZAMBON, M.; A incontinência urinária no universo feminino: incidência e qualidade de vida. Fisioterapia Brasil, v.11, n.1, Jan/Fev,2010.

SABOIA, D. M.; FIRMIANO, M. L. V.; BEZERRA, K. C.; NETO, J. A. V.; ORIÁ, M. O. B.; VASCONCELOS, C. T. M.; Impacto dos tipos de incontinência urinária na qualidade de vida de mulheres. Rev. Esc. Enferm USP. 2017;51:e 03266.

SILVA, A. G.; CARVALHO, R. R. C.; FERREIRA, S. A.; VALENÇA, M .P.; FILHO, J. C. S.; SANTOS, I. C. R. V.; Incontinência urinária em mulheres: fatores de risco segundo tipo e gravidade. Cogitare enferm. 25: e 68514, 2020.

SILVA, M. F.; COSTA, R. P.; OLIVEIRA, C. M.; MOREIRA, S.; A incontinência urinária em mulheres praticantes de exercício recreativo: um estudo transversal. Acta Med Port, 2021 Nov;34(11):724-732.

SILVA, J. C. P.; SOLER, Z. A. S. G.; WYSOCKI, A. D.; Fatores associados à incontinência urinária em mulheres submetidas ao exame urodinâmico. Rev Esc Enferm USP · 2017;51:e 03209.

VIRTUOSO, J. F.; MENEZES, E. C.; MAZO, G. Z.; Fatores de risco para incontinência urinária em mulheres idosas praticantes de exercícios físicos. Rev Bras Ginecol Obstet, 2015; 37(2):82- 6.